

Tempo & Argumento

e-issn 2175-1803

Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980)

Tércio de Lima Amaral

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Recife, PE - BRASIL

lattes.cnpq.br/4268149445519965

tercio.amaral@uol.com.br

 orcid.org/0000-0002-2810-5010

Aline Maria Grego Lins

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

Recife, PE - BRASIL

lattes.cnpq.br/7009706232605289

aligreg@uol.com.br

 orcid.org/0000-0001-7905-8376

Para citar este artigo:

AMARAL, Tércio de Lima; LINS, Aline Maria Grego. Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 33, e0209, maio/ago. 2021.

 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313332021e0209>

Recebido: 09/04/2020

Aprovado: 09/02/2021



Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980)

Tércio de Lima Amaral, Aline Maria Grego Lins

Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980)

Resumo

A projeção como jornalista e poeta possibilitou ao imortal da Academia Brasileira de Letras, Mauro Mota (1911-1984), um testemunho sobre a misoginia e o sexismo hostil da intelectualidade recifense, além de como se davam as relações de gênero no Recife, sobretudo, entre os anos 1940 e 1980, período de nossa análise. O artigo aborda essas representações a partir das poesias do escritor e seus trabalhos enquanto intelectual. Mauro Mota é uma referência do jornalismo pernambucano, tendo atuado no *Diário de Pernambuco* e com passagens em instituições como o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e o Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Palavras-chave: Gênero; misoginia; regionalismo; história.

Recife, bitter metropolis of Regionalism: misogyny, sexism and gender relations of Mauro Mota's work (1940-1980)

Abstract

The projection as a journalist and poet provided to Mauro Mota (1911-1984), who is considered an immortal of the Brazilian Academy of Letters, a testimony about the misogyny and sexism of the Recife intellectuality, in addition to gender relations in Recife, especially between 1940 and 1980, period of our analysis. This article approaches these representations from the writer's poetry and his works as an intellectual. Mauro Mota is a reference in journalism in Pernambuco, having worked in the *Diário de Pernambuco* and working at institutions such as the Joaquim Nabuco Institute for Social Research and the Jordão Emerenciano Public Archive.

Keywords: Gender; misogyny; regionalism; history.

Recife, amarga metrópoli del regionalismo: misoginia, sexismo y relaciones de género del trabajo de Mauro Mota (1940-1980)

Resumo

La proyección como periodista y poeta proporcionó al inmortal de la Academia Brasileña de Letras, Mauro Mota (1911-1984), un testimonio sobre la misoginia y el sexismo de la intelectualidad de Recife, además de las relaciones de género en Recife, especialmente entre 1940 y 1980, período de nuestro análisis. El artículo aborda estas representaciones desde la poesía del escritor y sus obras como intelectual. Mauro Mota es una referencia en el periodismo de Pernambuco, después de haber trabajado en el *Diario de Pernambuco* y trabajando en instituciones como el Instituto Joaquim Nabuco de Investigación Social y el Archivo Público del Jordão Emerenciano.

Palavras-chave: Género; misoginia; regionalismo; historia.

Introdução

“Quase criado pela avó”. É assim que Mauro Ramos da Mota e Albuquerque, filho de José Feliciano da Motta e de Aline da Motta e Albuquerque, define-se ao lembrar o uso do fumo pela sua avó paterna, Tereza Alexandrina Cabral de Melo, que teve como companhia, em seus últimos anos de vida, três objetos inseparáveis: um rosário, uma cadeira de balanço e um corrimboque (MOTA, 1968, p. 43), utensílio para fumo. Natural do Recife, Mauro Mota teria nascido no ano de 1908, apesar de publicamente ter adotado o ano de 1911 como data de nascimento (MOTTA, 2012, p. 2).

Essa mudança seria para, supostamente, camuflar sua escolaridade tardia. Fez parte dos estudos iniciais na cidade de Nazaré da Mata, no interior de Pernambuco, e o secundário no Colégio Salesiano, na capital, onde conheceu o crítico pernambucano nascido em Caruaru, Álvaro Lins. Concluiu os estudos no Ginásio do Recife. Tornou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1937, mas direcionou sua carreira para o mundo das letras, em especial a poesia e o jornalismo; e para a geografia e as ciências sociais. O cheiro de fumo e o hábito de fumar o acompanharam pelo resto da vida, seja no ambiente da redação do jornal, nos cafés que frequentava e até em livro, quando se dedicou a um estudo específico sobre os rótulos de cigarro. Ou seja, sua obra e vida andaram de mãos dadas, como uma representação de um mundo e seu tempo.

Este artigo tem como objetivo analisar o discurso misógino, o “sexismo hostil” e as representações do feminino nas relações de gênero por meio de um recorte da obra deixada por Mauro Mota, intelectual de referência na cultura pernambucana, sobretudo entre as décadas de 1940 e 1980, período analisado neste trabalho. Mauro Mota tornou-se conhecido por meio do jornalismo, iniciando a carreira como secretário e depois como redator-chefe do jornal *Diário da Manhã*, entre 1935 e 1941. Logo em seguida, em 1941, entrou no *Diário de Pernambuco* (DP), onde ocupou cargos de direção e editou um suplemento literário influente na região Nordeste entre os anos de 1947 e 1959. Mauro Mota também foi diretor executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), entre os anos de 1956 e 1970, professor catedrático de geografia do Instituto de Educação de Pernambuco, entre 1950 e 1971. Além disso, foi membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e da Academia Pernambucana de Letras e dos Conselhos Federal e Estadual de

Cultura (CURRICULUM, 1983-1984, p. 21-48). Apesar de não ter a mulher como tema central, parte de seus trabalhos apresentam um discurso misógino e sexista, além de revelarem a visão das relações de gênero de intelectuais de seu período. Mauro Mota faleceu no Recife, em 22 de novembro de 1984. No período, era diretor do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje), cargo que ocupou desde 1972.

O seu primeiro trabalho de projeção nacional foi *Elegias*, publicado em 1951, e vencedor do Prêmio Olavo Bilac, da ABL. As elegias – poesias tristes, compostas como lamento de morte – são dedicadas à sua primeira mulher, Hermantine Soares Cortez, com quem casou em 1939 e de quem ficou viúvo em 1947. Com ela, teve seus dois primeiros filhos: Roberto e Luciana. O livro também é considerado seu principal trabalho poético e o mais conhecido pela crítica. “A morte prematura da esposa – a bela Hermantine – despertou em Mauro, como assinala Álvaro Lins – a poesia elegíaca. São dez sonetos, camonianos/machadianos, obra-prima do talento criador” (PEREIRA, 1987, p. 75). Nele, nota-se uma idealização da figura da “mulher de família” e sua relação com algo puro, transcendental. No ano de 1949, Mauro Mota casa-se com Marly Arruda, com quem teve mais quatro filhos: Maurício, Sérgio, Eduardo e Teresa Alexandrina. Após o trabalho pioneiro, foram publicados, pelo menos, mais 11 livros com poesias, entre os anos de 1956 e 1983 (CURRICULUM, 1983-1984, p. 21-48).

Como cientista social, Mauro Mota deixou uma obra considerável dos anos 1940 aos 1980, quando atingiu sua “maturidade intelectual”. Em paralelo aos seus registros poéticos – que não vamos analisar aqui em sua totalidade e que merecem um estudo específico –, sua obra é relacionada a perdas e certa inquietação sobre a passagem do tempo. Nos seus relatos, os papéis de gênero estão bem determinados. E, dialogando com outros regionalistas, reproduz representações femininas ligadas à cozinha e à prostituição, reforçando discursos que estavam naturalizados e que não escondem, hoje, sua face misógina e sexista. É bom mencionar que boa parte desses livros é dedicada aos hábitos de alimentação, ao debate sobre a história de Pernambuco, às dificuldades e soluções de sobrevivência ao homem do Nordeste, à discussão em torno da linguagem e também da literatura. As mulheres aparecem nesses textos como figuras à parte, coadjuvantes na sociedade pernambucana. Parte da produção voltada às ciências sociais do

autor está balizada temporalmente no período em que ele exerceu a diretoria executiva do IJNPS. Foram mais de 20 livros publicados, sem contar as reedições, prefácios e artigos, entre os anos de 1952 e 1984 (CURRICULUM, 1983-1984, p. 21-48).

Neste artigo, analisaremos um dicionário de apelidos pernambucanos, de cunho memorialista, intitulado *Barão de Chocolate & Companhia* (MOTA, 1983), dois artigos publicados em dois livros e duas poesias com personagens femininos. O dicionário aborda as figuras femininas, majoritariamente, de forma negativa, tratando essas personagens por critérios de beleza e, muitas vezes, fazendo associação à prostituição. Os personagens, masculinos, no entanto, têm outro tipo de tratamento, muitos deles ligados ao mundo político e econômico de Pernambuco. Já os artigos têm a temática histórica e de hábitos como pano de fundo. Um deles é *Culinária e Doçaria*, publicado no livro *Votos e ex-votos* (MOTA, 1968b, p. 13-30). No texto, o autor reforça a importância, em plenos anos 1960, da ligação da mulher com a cozinha, além de reproduzir, sem nenhuma crítica, construções sociais e pejorativas à mulher negra. Outro artigo analisado é *Ascenso Ferreira e a cultura popular*, publicado em *Modas e modos* (MOTA, 1977, p. 61-77). Apesar de se tratar de um texto cujo personagem principal é masculino, analisamos a história de um encontro de Ascenso com a escritora negra Carolina Maria de Jesus, revelando a misoginia, racismo e sexismo de alguns intelectuais identificados com o Movimento Regionalista.

Na obra poética, ele mantém também a visão superior masculina em relação às mulheres. O primeiro poema analisado, publicado após o fim da 2ª Guerra Mundial (1939-1945), o *Boletim Sentimental da Guerra no Recife* (MOTA, 1983, p. 75-78), produzido em 1945, trata do abandono de mulheres grávidas após os combatentes norte-americanos deixarem o Nordeste com o fim do conflito. Nesse trabalho, fica clara a condição de “inocência” da mulher, que, seduzida, engravida e vai enfrentar problemas por manter a gestação sem a figura paterna. Em outro poema, a *Tecelã* (MOTA, 1983, p. 45-47), produzido em 1956, o autor trata das condições de trabalho de mulheres operárias, naturaliza o assédio masculino e não questiona temas como diferenças salariais e de posições de trabalho entre homens e mulheres. Pontuamos, aqui, também, passagens de alguns de seus trabalhos como é o caso do romance *O Pátio vermelho* (MOTA, 1968a). Nele há passagens,

segundo o jornalista e historiador Nilo Pereira (PEREIRA, 1987, p. 126), com referências a mulheres feministas, a exemplo da pernambucana Martha de Hollanda, que, na obra, seria Marina Soares. A personagem é tratada no livro de forma sexista e extremamente vulgar. Ou seja, mesmo em produções distintas – seja de cunho sociológico, memorialista e até mesmo poético – as mulheres de Mauro Mota são expostas ao modelo patriarcal de feminino. Sempre dependentes da figura masculina e alvo de julgamentos sociais.

É nesse sentido que adotamos, neste artigo, os conceitos de misoginia e sexismo hostil. A misoginia significa o desprezo dos homens em relação às mulheres, construído, historicamente, em sociedades patriarcais. O termo é formado pela raiz grega “miseó” e “gyné”, que traduzidos significam, respectivamente, odiar e feminino. A misoginia pode ser identificada por diversas formas, entre elas, a discriminação sexual, a hostilidade, a depreciação da figura feminina, a objetificação sexual e o ódio gratuito às mulheres. “Esse ódio (sentimento) sempre teve continuidade em opiniões ou crenças negativas sobre mulheres e sobre o feminino e em condutas negativas em relação a elas” (FERREZ PÉREZ; BOSCH FIOL, 2000, p. 14, tradução nossa). Já o sexismo é uma atitude negativa (raramente positiva) em relação a uma pessoa ou pessoas em virtude do seu sexo biológico, tanto em relação a homens, como a mulheres, apesar de que, em sua maioria, as vítimas sejam justamente as mulheres. As atitudes misóginas têm relação direta com o sexismo hostil. De acordo com Ferrer Pérez e Bosch Fiol (FERREZ PÉREZ; BOSCH FIOL, 2000, p. 14), o sexismo hostil é definido como o “velho sexismo”, ou seja, uma atitude negativa, preconceituosa, estereotipada e que analisa comportamentos com base na suposta inferioridade das mulheres em torno de três ideias principais:

- 1) Um paternalismo dominador, isto é, entender que as mulheres são mais fracas, são inferiores aos homens e dá legitimidade à figura masculina dominante;
- 2) Uma diferenciação competitiva de gênero, ou seja, considerar que as mulheres são diferentes dos homens e não possuem as características necessárias para ter sucesso na esfera pública, sendo a esfera privada o meio pelo qual devem permanecer;
- e 3) Hostilidade heterossexual, isto é, considera que as mulheres têm um poder sexual que as torna perigosas e manipuladoras para os homens. (FERREZ PÉREZ; BOSCH FIOL, 2000, p. 14, tradução nossa)

Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980)

Tércio de Lima Amaral, Aline Maria Grego Lins

O próprio Mauro Mota deixou testemunhos de seu discurso misógino e machista em um depoimento ao Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro, em 5 de novembro de 1971. O depoimento de Mauro à instituição foi conduzido por seu colega da ABL, Aurélio Buarque de Holanda, pela coordenadora dos depoimentos, a poeta Lélia Coelho Frota, e acompanhado pelo então diretor da instituição, Ricardo Cravo Albin. Perguntado sobre aspectos de sua infância no município de Nazaré da Mata, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, o entrevistado adocica as relações sociais e a figura dos senhores de engenho da região. “Agora, parece-me também que o açúcar adocicava também um pouco o jeito da população nazarena. [...] Os coronéis são cordiais e mulherengos, o que também é uma forma de cordialidade” (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, 1971), e completa:

[...] Para ser mulherengo tem que ser cordial. Agora, esses coronéis da Zona Açucareira não mandam dar surra, nem mandam matar ninguém. Ao contrário, de alguns sertanejos, de modo particular do Sertão de Alagoas... [...] De sorte que eu estabeleci uma distinção entre o coronel da cana e o coronel do boi, quer dizer o coronel da zona pastoril. Um, doce e comunicativo. O outro, áspero e às vezes violento. (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, 1971)

Dialogamos, ainda, com o conceito de gênero proposto pela historiadora norte-americana Joan Scott (SCOTT, 1995). Para ela, o gênero é uma construção cultural, engessada e pensada de forma dual nas figuras masculina e feminina. O gênero, assim, é uma realidade histórica e cultural construída a partir das diferenças entre os sexos. Esse conceito foi elaborado ainda na década de 1970, nos Estados Unidos, mas chegou ao Brasil e nele ganhou força, em 1986, com a publicação do artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. O gênero, no singular, “é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Recife, “metrópole amarga” do Regionalismo: sexismo racista na cozinha

“Não há mulata bonita, que não seja cozinheira, que não tenha os beiços grossos de lambar a frigideira” (MOTA, 1968b, 14). No artigo, *Culinária e doçaria*, do livro *Votos e Ex-votos* (MOTA, 1968b, p. 13-30), Mauro Mota reproduz esses versos

como folclore após enumerar diversos utensílios que começavam a virar raridade nas cozinhas, como os fogões à lenha. Seu ideal de cozinha, que incluía toda uma organização, sobretudo feminina em seu entorno, é a Regionalista freyriana. Ele descreve o que seria a autêntica culinária nordestina e reforça estereótipos em relação à mulher e à mulher negra. Boa parte dos 13 artigos que compõem o livro está em diálogo com a estética freyriana – como a importância da casa, da culinária, pinturas de sobrados e a questão da cultura açucareira no estado. Alguns dos artigos foram resultados de palestras, apresentações de livros e artigos de jornais, muitos republicados.

As modernidades, segundo o autor, intensificaram a ausência das mulheres na cozinha, tirando “a dona de casa, as meninas da casa, filhas sobrinhas, vendo o ponto da goiabada, aprovando ou reprovando os quitutes” (MOTA, 1968b, p. 14-15), o que seria um hábito tradicional transformado em raridade. O poeta lamenta que não se consumiam mais doces no Recife como antes. Aliás, Mauro Mota faz uma analogia e chama a capital de “uma metrópole amarga” (MOTA, 1968b, p. 20). E para referendar sua tese, usa um relatório de pesquisa do IJNPS intitulada *Problemas do abastecimento alimentar no Recife*, de 1962. O documento afirma que o consumo de doces desceu aos “percentuais de abstinência”: 11,4% das famílias de classe alta declararam que o doce está em suas dietas. O recorte diminuiu para a classe média, com 5,5%. As famílias dos operários são as que menos consumiam, com 0,9%. “Os doces perderam a acessibilidade e o gosto da nossa antiga culinária, são menos doces, quase sem variante de espécie e técnica, doces de massa, em lata, industrializados em massa e no agreste e no sertão” (MOTA, 1968b, p. 20).

O poeta e jornalista relaciona a culinária explicitamente às relações sociais (e de gênero). A mulher ardente teria o tratamento de “pimenta”. Já a bonita, de “pitéu” (ensopado feito com carne e mandioca). Ou seja, as analogias de papéis sociais ou de comportamento de gênero estão relacionadas com alimentos em sua ótica. Outro tópico abordado por ele é o da “mulata alcoviteira”. Na sua análise, a classifica como exímia brasileira, pois houve um predomínio dela no “processo de aculturação” ameríndio-afro-português, influenciando os hábitos alimentares no país.

Sem nenhuma crítica ou indiferença, Mauro Mota reproduz ditados populares como “não sou o negro de sua cozinha”, como sinal de advertência, e a “conversa não chegou na cozinha”. Sobre esse segundo ditado, o poeta diz que é antigo, porém, inútil para uso. “Não havia conversa que não chegasse à cozinha ou mesmo que não começasse nela. Dela partia a vigilância em tudo o que acontecia ou estava para acontecer dentro da casa ou com pessoas da casa” (MOTA, 1968b, p. 16). A tese dele é que essa linguagem permanece como resultado de uma cultura patriarcal. De acordo com os pesquisadores Francisco Mendonça e Deyse Menezes, que estudam as relações de gênero na obra de Gilberto Freyre, pela qual Mauro é influenciado, as diferenças existentes entre os gêneros “quando entendidas como desigualdades criam conseqüentemente a concepção de inferioridade e superioridade, concepção essa socialmente construída que colabora na hierarquização entre o homem e mulher” (MENDONÇA; MENEZES, 2013, p. 255).

De acordo com Mota,

A mulata alcoviteira está batendo nas portas: está pedindo um emprego no romance social brasileiro. Pedindo recompensa por ter aberto as portas da cozinha para muita moça fugir com estudante ou filho de ‘coronel’. A mulata alcoviteira e o seu concorrente: o mulato cozinheiro, de cabelos repartidos ao meio, melados de banha cheirosa de mascate; dengoso, dando o quarto ao diabo por um avental de mulher; com uma mão na chaleira e outra no chaleirismo. (MOTA, 1968, p. 16)

A ideia central de Mauro Mota – reproduzindo o pensamento de Gilberto Freyre e de intelectuais homens do período – é que a alcoviteira representou uma arte anexa à da culinária, de um “sensualismo”, que, segundo ele, não era somente alimentar, que seria um fogo não só de lenha. A mulata seria responsável, assim, pela “sexualização” da cozinha e dos hábitos alimentares. Ao citar o livro de Freyre, *Assucar*, ele reforça a ideia do autor de *Casa Grande & Senzala* e divide os doces entre os femininos e os machos. Os exemplos femininos seriam os Arrufos de Sinhá, Baba de Moça, Beijos, Beijos de Dondon, Cocadinha, Fatias Parida, Lacinhos de Amor, Melindre de Mimos, Mimos, Quindins e Suspiros. Todos eles mais delicados no preparo ou no sabor. Já os doces machos seriam a Compota de Cidrão, Doce de Massapão, Grude, Doce de Jerimum, Pudim de Cará, Doce de Chouriço, Cartola, Pudim do Major e Doce de Jaca Dura. Esses últimos têm como

características comuns elementos salgados misturados ao açúcar. Esse é um exemplo da operacionalização política do conceito de gênero.

Em uma década anterior a este artigo, Freyre (1955) publica o *Manifesto Regionalista de 1926* (FREYRE, 1955), documento que seria o norte dos intelectuais ligados ao Regionalismo em Pernambuco. Estão entre as ideias desde temas políticos, como a administração do Brasil pelas regiões e não o sistema federativo, o debate ecológico e até a culinária, entre outros pontos. No documento, o sociólogo faz lamentações similares as que Mauro Mota irá reproduzir: “Raras são hoje, as casas do Nordeste onde ainda se encontrem mesa e sobremesa ortodoxamente regionais: forno e fogão onde se cozinham os quitutes tradicionais à boa moda antiga” (FREYRE, 1955, p. 41). Paralelamente a isso, lamenta, como Mauro Mota, o distanciamento da mulher da cozinha. “As novas gerações de moças já não sabem, entre nós, a não ser entre a gente mais modesta, fazer um doce tradicional ou regional” (FREYRE, 1955, p. 42), lamenta Freyre, completando:

Quando a verdade é que, depois dos livros de missa, são os livros de receita de doces e guisados os que devem receber das mulheres leitura mais atenta. O senso de devoção e o de obrigação devem completar-se nas mulheres do Brasil, tornando-se boas cristãs e ao mesmo tempo boas quituteiras para assim criarem melhor os filhos e concorrerem para a felicidade nacional. Não há povo feliz quando às suas mulheres falta a arte da culinária. É uma falta quase tão grave como da fé religiosa. (FREYRE, 1955, p. 42)

Segundo Freyre (1955), o manifesto deveria ter sido publicado nos anos 1920, mas, questões de ordem financeira impediram a publicação no período, esperando mais de 20 anos para o feito (FREYRE, 1955, p. 10). No entanto, tal tese é refutada por diversos intelectuais; entre os mais importantes, destaca-se Joaquim Inojosa, que colheu depoimentos dos integrantes do Centro Regionalista, como Odilon Nestor, Edgar Teixeira Leite, Alfredo de Moraes Coutinho, que, junto com Freyre, compunham o centro e negam o documento (INOJOSA, 1968). A tese de Inojosa é que o manifesto não foi criado nos anos 1920 e que Freyre criou o documento e resolveu publicá-lo nos anos 1950 como original. No entanto, a parte do que seria o manifesto referente à culinária Nordestina, apesar de alterações nos anos 1950, foi de fato publicada nos anos 1920 em artigo de Freyre no jornal *Diário de Pernambuco*.

A culinária foi um dos temas abordados pelo Primeiro Congresso Regionalista, em 1926. O que chama a atenção é que esses mesmos valores da década de 1920, quando o texto original foi publicado, continuaram sendo reproduzidos posteriormente, seja nos anos 1950 ou 1960. Realidade e ideias de homens de referências da intelectualidade pernambucana do século 20. O próprio Mauro Mota é apontado pelo jornalista do *DP* e crítico literário, Tadeu Rocha (1964), como responsável por gestar um Segundo Movimento Regionalista na região Nordeste, a partir do ano de 1947 (ROCHA, 1964, p. 14). O primeiro movimento, intitulado de Regionalismo Tradicionalista teria se iniciado em 1923, com a influência de intelectuais do Centro Regionalista do Recife. Já o segundo movimento, intitulado de Regionalismo Literário, foi deflagrado pelos suplementos e jornais recifenses (ROCHA, 1964, p. 13).

Outra representação da mulher e da mulher negra na obra de Mauro Mota que chama a atenção é no artigo *Ascenso Ferreira e a cultura popular* (MOTA, 1977, p. 61-77), publicado no livro *Modas e modos* (MOTA, 1977). O artigo tem como pano de fundo a análise das obras e histórias peculiares da vida de Ascenso Ferreira, poeta da cidade de Palmares, Zona da Mata Sul de Pernambuco, radicado no Recife. Mauro Mota relata gostos do poeta, como pelos jogos de azar, e suas mudanças poéticas por meio da influência do Regionalismo. Duas histórias, em especial, são retratadas no texto para demonstrar a personalidade do poeta. Uma delas é o processo de nomeação de Ascenso para a diretoria do IJNPS pelo então presidente Juscelino Kubitschek, em 1956. Algumas entrevistas e a pressão de intelectuais, como Gilberto Freyre, fizeram o presidente voltar atrás. Mauro Mota não narra que, nesse processo de desgaste, ele mesmo foi beneficiado pela negativa ao nome de Ascenso.

No artigo, Mota ainda relata a experiência de Ascenso com a escritora e favelada Carolina Maria de Jesus, fenômeno editorial em fins dos anos 1950 e considerada a primeira mulher negra a publicar um livro no Brasil com o lançamento de *Quarto de despejo*, que conta sua história em uma comunidade periférica em São Paulo. A escritora participou de um lançamento no Recife. “Foi ela mesma, trapeira, mas com talento de escritora quem o escreveu [...] Foi nada, é onda de um repórter hábil, usando o nome da pobre para efeitos políticos e

Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980)

Tércio de Lima Amaral, Aline Maria Grego Lins

mercantis” (MOTA, 1976, p. 71), revela as opiniões da época sobre a escritora. O encontro de Ascenso com Carolina teria acontecido na então Editora Nacional, na Rua da Imperatriz, no centro do Recife. “Boa tarde. Aqui estou para cumprimentá-la e receber o seu autógrafo” (MOTA, 1976, p. 71), teria dito Ascenso, que não esperava a negativa de Carolina: “Com quem falo?” (MOTA, 1976, p. 71), teria perguntando a escritora. Ascenso Ferreira, que tinha sido atingido pela vaidade, responde duramente, após ela ter dito que nunca ouviu falar em seu nome. “Eu bem que estava desconfiado que tu não eras escritora nem nada. O que tu és é uma nega analfabeta e safada” (MOTA, 1976, p. 71). O episódio é descrito por Mauro Mota como “cenas de humor e reveladoras” da naturalidade do poeta. Em nenhum momento ele critica a postura de Ascenso em relação à Carolina Maria de Jesus, que é inferiorizada por ser negra e não o reconhecer como figura pública.

Ferrer Pérez e Bosch Fiol (FERREZ PÉREZ; BOSCH FIOL, 2000, p. 14) defendem que assim como houve mudanças nas atitudes racistas, as mudanças no sexismo também foram atualizadas na modernidade. Assim como surgiu o que os autores narram como racismo sutil, também foi observada a existência de um sexismo sutil, em contraponto ao sexismo hostil, mais tradicional. Na verdade, a naturalização do discurso racista e sexista de Ascenso Ferreira sobre Carolina Maria de Jesus faz parte do sexismo sutil, também conhecido como sexismo moderno, que se materializa na negação da discriminação que as mulheres sofrem, no antagonismo às demandas femininas e na falta de apoio para ajudá-las a superar as desigualdades construídas historicamente. Mauro Mota nega o pioneirismo da escritora negra e reproduz o fato com toda a indiferença. Esse episódio revela o pensamento da intelectualidade relacionada ao Regionalismo na época sobre a mulher e a mulher negra.

Na sombra do humor: misoginia e relações de gênero

Jerônimo de Albuquerque é descrito como uma “destacada figura” da colonização pernambucana. Além de “notável colonizador”, ele teria fundado a vila de Natal (atual capital do estado do Rio Grande do Norte), participado da conquista do litoral do Nordeste e da expulsão dos franceses do Maranhão. Jerônimo tem sobrenome e suas origens são logo reveladas: irmão de Dona Brites de

Albuquerque, mulher de Duarte Coelho, donatário da capitania de Pernambuco no período colonial. Ajudou a irmã na administração da capitania com a morte do cunhado, em 1554. Seu apelido, no entanto, destaca mais sua virilidade do que seus feitos. Ele é o Adão Pernambucano, pai de onze filhos, sem contar mais cinco, declarados por ele, de outras mulheres. O personagem do século XVI não tem a má sorte de sua conterrânea, apesar de separados pelo tempo, são tratados de formas distintas. Iaiá Rabada, outra personagem do livro, que não tem nome, família, nem história. Só há esse apelido vulgar uma curta informação: “pioneira da instalação de cabaré e de relações sexuais ‘modernas’ no interior de Pernambuco (Pesqueira)” (MOTA, 1983, p. 93).

Esses são dois personagens, entre tantos outros, do livro *Barão de chocolate & companhia: apelidos pernambucanos* (MOTA, 1983), assinado por Mauro Mota, com ilustrações de Libório. O livro, publicado na “maioridade intelectual” do autor, um ano antes de sua morte, é um dos retratos da representação das relações de gênero e do tratamento dedicado à mulher pernambucana em fins da década de 1980. O livro, ao sexualizar personagens femininos, quase sempre se utiliza de uma narrativa jocosa e de humor. A historiadora Joan Scott (SCOTT, 1995) chama a atenção para a construção da masculinidade baseada na repressão dos aspectos femininos – do potencial bissexual do sujeito – e a fabricação da dicotomia conflituosa entre o masculino e o feminino na sociedade. “Desejos reprimidos são presentes no inconsciente e constituem uma ameaça permanente para a estabilidade da identificação de gênero, negando sua unidade e subvertendo sua necessidade de segurança” (SCOTT, 1995, p. 16). Vários personagens, inclusive masculinos, têm histórias e causos revelados pelo escritor. Mas nenhum deles foi tratado de forma tão pejorativa como as mulheres. As personagens escolhidas, excetuando-se um ou outro caso, estão associadas à prostituição, homossexualidade e reduzidas a características de seus corpos. Os apelidos tratados no livro de Mauro Mota têm como fonte almanaques, registros de comunidades, livros, jornais que circularam em diferentes épocas e setores da sociedade.

Além de Iaiá Rabada, selecionamos cinco personagens retratadas pelos apelidos no dicionário, cuja temática está relacionada à sexualidade. Todas são descritas de forma vulgar ou excêntrica. As duas primeiras são Antônia Peituda e

Bunda de Balaio. “Antônia Peituda e Bunda de Balaio – formaram o primeiro caso (pelo menos, conhecido) de lesbianismo em Limoeiro” (MOTA, 1983, p. 23). A fonte de registro da história do casal “pioneiro” estaria no *Livro de Memória*, de Antônio Vilaça. Assim como Iaiá, elas não têm nome, sobrenome ou história associada a grandes feitos no estado. Outro caso é o da Madame Papoula, também identificada apenas pelo apelido. “Dona da, ainda hoje, falada pensão da Rua Vigário Tenório nos idos de 40. Partidária da juventude verde. Quando suas hóspedes chegavam aos 24 ou 25 anos de idade mandava-as embora. Dizia que na sua casa ‘estavam aposentadas por tempo de serviço’” (MOTA, 1983, p. 106).

A Madame Papoula é descrita como partidária da “juventude verde”, ou seja, com ironia, o autor destaca que só trabalhavam (ou eram exploradas) as meninas jovens. As outras duas mulheres selecionadas em nossa análise também estão relacionadas a questões sexuais. A primeira tem o apelido “Maria Capa Homem”. A personagem não tem o verdadeiro nome revelado e pouco se sabe de sua origem, feitos ou história pessoal. “Maria Capa Homem – ‘Havia também (em Limoeiro) Maria Capa Homem, molestada de braba. Sua arma predileta eram pontapés certos [...] E foi com um desses pontapés que inutilizou seu marido, Quinca Papo Mole’” (MOTA, 1983, p. 110). A fonte, mais uma vez, é o livro de Antônio Vilaça. Outra personagem é a Maria Magra, que se caracterizou por “desviar” da boa família para seguir outro rumo. “Maria Magra – Maria Wanderley. Desviou-se da boa família no interior do Estado para animar noites de farras (1940-1960) no Recife” (MOTA, 1983, p. 110). A historiadora Susan Besse revela que, em meados dos anos 1940, ocorriam defesas públicas de juristas para que as mulheres tivessem a autorização dos maridos para trabalharem (BESSE, 1999, p. 156). Ou seja, no mesmo período que se conta a história da personagem Maria Magra. Não se sabe se Maria Magra era, de fato, uma dessas “contraventoras” aos olhos da sociedade e, por isso mesmo, tenha sido alvo de chacota.

A historiadora relata que, na década anterior, na Era Vargas, nos anos 1930, também ocorreu uma política de restrição ao trabalho feminino pelo “bem” da família. “Segundo o Decreto Lei 21 417-A, as mulheres não podiam ser empregadas por firmas industriais e comerciais entre as dez horas da noite e às cinco da manhã” (BESSE, 1999, p. 156). Além disso,

As mulheres pobres das cidades tinham escolhas limitadas e nada atraentes. É notável como se manteve a importância do serviço doméstico como fonte de emprego para as mulheres. No Brasil, em 1872, o emprego de 51,3% das trabalhadoras fora da agricultura era o de empregadas domésticas; essa porcentagem caiu somente para 33,7% em 1920 e cresceu ligeiramente para 36,1% em 1940. (BESSE, 1999, p. 157)

As representações do feminino também estavam associadas à prostituição, à beleza e ao suposto perigo que a mulher representava – necessariamente, a possibilidade de “enfeitiçar” os homens, sendo esta última uma característica da misoginia (FERREZ PÉREZ, BOSCH FIOL, 2000, p. 14). Esse é o caso de “Florzinha”, que conquistou um padre na Ilha de Itamaracá, no litoral Norte de Pernambuco. Descrita como moça de extraordinária beleza, ela viveu em Itamaracá no século XVII, cujo nome de batismo a memória popular não transmitiu. “Sabe-se que morou com o Padre João Vicente Guedes Pacheco, nomeado capitão da Fortaleza de Orange (Santa Cruz) depois da expulsão dos holandeses. O casal teve vários filhos” (MOTA, 1983, p. 74), todos eles registrados em cartório. Segundo o autor, a fonte seria de uma pesquisa produzida por Valdecírio Rodrigues. No caso de Florzinha, registre-se o fato de o autor não demonstrar interesse em pesquisar seu nome de batismo, já que, segundo ele, todos os filhos foram registrados em cartório. A personagem ficou resumida às descrições físicas, ao possível encantamento que exercia e ao casamento com o padre.

Outra personagem do livro atendia pelo apelido de Alcorcovada. Tratada como Beatriz, era filha da olindense Branca Dias. Segundo o autor, era “‘a anti-cristã mais perigosa do tempo’, tanto que, mesmo depois de morta, ‘não escapou à devassa feroz da Inquisição’. Teria jogado as joias no riacho de Dois Irmãos” (MOTA, 1983, p. 19). O riacho passou a chamar-se Rio das Pratas. A prostituta holandesa Elizabeth, conhecida como Admirael, assim como Beatriz, também foi uma personagem do período colonial tratada pelo autor. “Para satisfazer a flamengos, menos chegados a exotismos, veio da Holanda um número considerável de prostitutas que surgem constantemente nos documentos de então como mulheres fáceis” (MOTA, 1983, p. 18). A fonte dessa vez é do historiador José Antônio Gonsalves de Mello e seu livro no *Tempo dos Flamengos*. A sexualização das mulheres também está presente em outro livro de Mauro Mota, *O Pátio Vermelho*

(MOTA, 1968a). Para alguns críticos, crônica romanceada, para outros, um romance (PEREIRA, 1987, p. 126).

O livro *O Pátio Vermelho*, de 1968, é um reflexo da própria trajetória de Mauro Mota, cuja vida acadêmica teve as presenças de sebos estudantis e pensões no centro do Recife, além da aspiração de jovens estudantes pelo mundo do jornalismo e da literatura. Segundo Nilo Pereira (1987), o personagem do jornalista Felipe Gama é inspirado no jornalista Aníbal Fernandes, diretor de redação do *DP*. Já a jovem Marina Soares é inspirada na feminista Martha de Hollanda (PEREIRA, 1987, p. 126). Há diversas passagens sobre Marina, que movimentava a intelectualidade e política recifense em torno de seu “salão” na Capunga. A mulher, no entanto, é descrita mais pelos seus atributos físicos e seu encantamento do que pelas suas atribuições políticas e intelectuais. “Ela mesma representa o papel de uma peça deslocada no seu tempo. Antes ou depois? Os peitos abundantes querem pular do decote” (MOTA, 1968a, p. 57), descreve Mauro Mota no livro. “Falamos mal, e ela gosta que falemos, inventa mesmo os motivos. Mulher inteligentíssima. Dá um ano de vida por uma pilhéria. Pena que gaste o tempo nisso e vá deixar as obras completas só na conversa”, diz sobre Marina (MOTA, 1968a, p. 103).

Martha de Hollanda é uma das personagens que, a exemplo das mulheres selecionadas em *Barão de Chocolate* (1983), poderiam ter outro tratamento do poeta pernambucano. Nascida no município de Vitória de Santo Antão, no interior de Pernambuco, em 1903, Martha de Hollanda foi uma figura marcante nos movimentos sociais de Pernambuco no século 20. Em uma época em que não estava reservado à mulher o direito de votar, ela solicitou ao juiz de Vitória de Santo Antão, Dr. Felino Ferreira de Albuquerque, que seu nome fosse incluído na lista de eleitores. Na época, argumentou que nas leis não havia distinção de gênero. De acordo com a historiadora Cláudia Vicente da Silva (SILVA, 2011), o pedido foi aceito pelo juiz, mas negado pelo tribunal. Com o pedido negado, ela envia uma carta ao então presidente Getúlio Vargas, em nome da Cruzada Feminista, para que acabasse com restrição ao voto. Na argumentação, usou o fato de que as mulheres já votavam em 40 países e no estado do Rio Grande do Norte. Em 15 de março, consegue seu título de eleitor e torna-se a primeira eleitora de Pernambuco. Além

da militância, destacou-se com a publicação de livros, entre eles, *O Delírio do Nada* (SILVA, 2011, p. 844).

No estudo de Mauro Mota (1983) sobre os apelidos pernambucanos, a sexualidade também está entre as representações construídas como características dos personagens masculinos, mas vinculada à submissão das mulheres, como é o caso de Badu das Negras. “Professor Balduíno da Cruz Ribeiro, do magistério do Recife no primeiro quartel deste século. Apreciador de mulatas” (MOTA, 1983, p. 28). O poeta Maciel Monteiro (Antônio Peregrino), o 2º Barão de Itamaracá, que viveu entre os anos de 1804 e 1868, também teve suas habilidades com as mulheres registradas. “Mulherengo sem pausa, dizia que tinha calos nos dedos de tanto levantar saia de moça” (MOTA, 1983, p. 21). Os homens também eram descritos pela bravura e coragem. Um dos exemplos é Bico Doce, apelido de Inocência Miranda. “Alto, corpulento, valentão [...] Profissão: cobrador de dívidas consideradas perdidas pelos credores. Preço do serviço: 50% de cada conta recebida” (MOTA, 1983, p. 33). Gilberto Freyre, segundo o autor, era conhecido pelo apelido Bigodinho e demonstrava “bravura”, também, na juventude. A caracterização do personagem, ao contrário das mulheres, merece destaque. “Freyre na juventude, no tempo de ciclista, do sarapatel do Dudu no Mercado de São José e das brigas no Pátio do Carmo” (MOTA, 1983, p. 35). O currículo e a importância do autor de *Casa Grande & Senzala* são lembrados. “Antes de expressão brasileira com os primeiros artigos no Diário de Pernambuco, que o levaram à categoria do mais importante sociólogo de todos os tempos brasileiros” (MOTA, 1983, p. 35).

Na poesia, duas abandonadas: namoradas de soldados e a operária da fábrica

Além da obra enquanto cientista social, o poeta e jornalista Mauro Mota produziu, também, uma visão preconceituosa da figura da mulher em suas poesias. No nosso recorte, fazemos referências a duas delas. A primeira é *Boletim Sentimental da Guerra no Recife* (1945) e a segunda é *A Tecelã* (1956). Segundo o crítico Edson Nery da Fonseca (FONSECA, 1995), que tem um estudo sobre o *Boletim* (Mota, 1983), “é uma grande compaixão do autor pelas jovens mães

solteiras deixadas no Recife por militares norte-americanos” (FONSECA, 1995, p. 13). O poema relata a história de mulheres grávidas deixadas pelos soldados norte-americanos no Nordeste. O próprio Fonseca faz uma ressalva que o quadro desenhado pela produção de Mauro Mota remete mais à realidade do estado do Rio Grande do Norte e sua capital, Natal, que possuía uma base aérea dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra. A exclusão do Rio Grande do Norte, segundo o crítico, se deu por uma questão de rima e poética.

“Tudo o que ele (Mauro Mota) reporta como acontecido no Recife aplica-se a Natal, cuja base aérea representou papel mais importante do que a do Recife na Segunda Guerra Mundial, como lembra o historiador Clyde Smith Júnior, em seu *Tranpolim para a vitória*” (FONSECA, 1995, p. 10), no qual reforça, defendendo a ideia de que o poema poderia chamar-se “Boletim Sentimental da guerra em Natal” (FONSECA, 1995, p. 10). A primeira versão do *Boletim* foi publicada no *Boletim da Cidade e do Porto do Recife*, em 1945 (FONSECA, 1995, p. 5). A versão utilizada neste artigo é uma reprodução do poema em um livro editado pelo próprio Mauro Mota na década de 1980 (MOTA, 1983, p. 75-78).

Escrito nos anos 1940, o poema trata desde questões antropológicas, mais precisamente o encantamento que os norte-americanos provocaram nas brasileiras, com a influência da cultura e de hábitos americanos no país e até questões linguísticas, como a facilidade das mulheres (meninas, no poema, de 15 a 20 anos) em aprenderem inglês. Em nenhum momento, nota-se um encantamento dos homens pelas mulheres. O tom do poema é que as mulheres, à primeira vista, fascinadas pelos americanos e por objetos importados trazidos por eles, não previam os resultados dessa relação, traduzida em gravidez (em alguns casos, infantil). A poesia é uma verdadeira lamentação. Declama Mauro Mota (1983), na última estrofe: “Meninas, tristes meninas, vossos dramas recordai, quando eles no armistício, vos disseram “Good bye”. Ouvireis a vida toda a ressonância do choro dos vossos filhos sem pai” (MOTA, 1983, p. 75).

A mensagem da poesia está justamente nas três últimas estrofes, que reconstroem o abandono dessas mulheres grávidas pelos soldados norte-americanos após a guerra. “Ingênuas meninas grávidas, o que é que fostes fazer? Apertai bem os vestidos pra família não saber. Que os indiscretos vizinhos vos

percam também de vista. Saístes do pediatra para o ginecologista” (MOTA, 1983, p. 77), diz na antepenúltima estrofe. As meninas são descritas como ingênuas pelo poeta. O poema termina com pano de fundo da naturalização do abandono paterno, sem qualquer crítica aos soldados, que deixaram as meninas e mulheres no Nordeste. A questão da “culpabilidade” da gestação pelos soldados norte-americanos também é minimizada por Edson Nery da Fonseca. Em uma crítica literária ao *Boletim Sentimental do Recife* (MOTA, 1983), segundo ele, não caberia protesto nem críticas aos soldados. “O tema não é piegas, mas pungente; o tratamento não é erótico, mas patético; o protesto não teria cabimento, pois nenhuma força armada estaria em condições de atirar-nos ‘norte-americanos a bíblica ‘primeira pedra’” (FONSECA, 1995, p. 14). Aliás, Edson Nery, intelectual também identificado com o Movimento Regionalista de Gilberto Freyre, assim como Mauro Mota, defende os norte-americanos ao afirmar que a situação vivida pelas mulheres nordestinas e retratada na poesia fez parte de outros contextos de guerra (FONSECA, 1995, p. 13). Estes, invariavelmente comprometidos com uma leitura patriarcal do mundo.

Outro poema com o pano de fundo feminino é *A Tecelã* (MOTA, 1983, p. 45), publicado originalmente pelo *Gráfico Amador*, do Recife, em 1956. O trabalho relata as condições das mulheres operárias no Recife nos anos 1950, sobretudo as que estavam cotidianamente ligadas às fábricas de tecido. O poema relata a história de uma operária que acorda, durante a madrugada, para ir trabalhar possivelmente no que foi a Fábrica de Tecidos da Torre, bairro do Recife. A mulher, mãe solteira de um filho, atravessa o Rio Capibaribe, que margeia a indústria e só volta do trabalho no início da noite. Nesse poema, Mauro Mota faz referência, inclusive, às péssimas condições de trabalho, de sobrevivência e até dramatiza, destacando que a mesma mulher que fabrica tecidos para roupas não pode comprar uma peça decente, passando despercebida na rua. “Deixas chorando na esteira teu filho de mãe solteira. Levas ao lado a marmita, contendo a mesma ração do meio de todo o dia, a carne-seca e o feijão” (MOTA, 1983, p. 45), destaca na segunda estrofe. Em *A Tecelã* (MOTA, 1983), como em outros trabalhos do poeta, ficam claras as tentativas dos abusos masculinos praticados na época por meio do trecho no qual faz

referência ao chefe da operária: “De tudo quanto ele pede, dás só bom dia ao patrão” (MOTA, 1983, p. 45).

Em *A Tecelã* (MOTA, 1983), ao contrário do *Boletim Sentimental*, não localizamos análise da poesia produzida por um intelectual ligado ao grupo de Gilberto Freyre. No entanto, assim como o outro poema apresentado, acreditamos que se trata do período que envolve a Segunda Guerra e meados dos anos 1950. Em um trabalho realizado por relatos orais e arquivos de jornais, os historiadores Waldomiro de Souza Borges, David W. Moccock e Mariana L. da Silva (BORGES; MOCOOCK; SILVA, 2015) relatam a ligação entre o bairro e a fábrica de tecidos. A empresa, fechada nos dias atuais, iniciou seus trabalhos em meados do século 19, encerrando as atividades nos anos 1980. Segundo eles, a fábrica tinha cerca de 1,4 mil operários, iniciava os trabalhos às 5h da manhã e operava desde o tratamento do algodão até o enfardamento dos tecidos. A fábrica também se notabilizou pelo grande número de acidentes de trabalho. Baseado em relatos orais, os historiadores revelam que “acidentes ocorriam com os operários, em que muitos perdiam a visão, segundo eles, as lançadeiras que passavam na frente dos teares eram amarradas por couro e vez por outra as correias se soltavam ou rompiam causando danos sérios aos tecelões” (BORGES; MOCOOCK; SILVA, 2005, p. 8).

Na época, reforçam os historiadores, as fábricas de tecidos eram movidas a vapor e não por energia elétrica, ocasionando dificuldades de trabalho. A historiadora Susan Besse relata que, na primeira metade do século 20, poucas eram as opções de trabalho para as mulheres. Além disso, segundo ela, havia restrições de empregabilidade na administração pública e até na iniciativa privada. Na década de 1930, por exemplo, “Somente em casos excepcionais, depois de trabalhado por mais de seis anos, de ter demonstrado sua lealdade à companhia e de ter deixado bem claro que não estava trabalhando só até encontrar um marido”, destaca a historiadora (BESSE, 1999, p. 166), “é que a mulher poderia esperar conseguir independência econômica” (BESSE, 1999, p. 166). Na verdade, essas opções de novos empregos eram destinadas, sobretudo, às mulheres brancas, já que as negras trabalhavam desde o período colonial, como escravas – trabalho invisibilizado pela historiografia. Sem mencionar o próprio trabalho doméstico, que faz parte da mecânica capitalista e que ainda nos dias atuais não é visto como um

Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980)

Tércio de Lima Amaral, Aline Maria Grego Lins

trabalho de fato. Relações que dizem muito sobre opressões de gênero, classe e raça.

O tom de complacência pela dificuldade da operária continua nas estrofes finais: “Toca a sereia da fábrica. E o apito como um chicote bate neste fim de tarde, bate no rosto da lua. Vais de novo para o bote. Navegam fome e cansaço nas águas negras do rio” (MOTA, 1983, p. 47). Além disso, Mauro Mota naturaliza a invisibilidade da mulher trabalhadora e mãe solteira. “Há muita gente na rua. Parada no meio-fio. Nem liga importância à tua blusa rota de operária. Vestes o Recife e voltas para casa, quase nua” (MOTA, 1983, p. 47).

Considerações finais

A análise da obra de Mauro Mota, no tocante às relações de gênero e mesmo ao discurso misógino e sexista, revela como parte da intelectualidade brasileira, referência no século 20, construiu um discurso misógino quase sem reflexão em torno do feminino e das relações sociais desiguais vigentes. As mudanças do novo século pareciam não surtir efeito. Mesmo com a abertura do mercado de trabalho para as mulheres, a possibilidade de escolherem novas profissões – até mesmo de intelectuais, como eles – não aparecem como valor em seus estudos. A escolha de um personagem – no caso de Mauro Mota – amplia a discussão do grupo de intelectuais ligados ao sociólogo Gilberto Freyre em torno dessas categorias identitárias baseadas no binarismo e na desigualdade de gênero. Aliás, tal tema vem sendo trabalhado com vigor por autoras feministas desde os anos 1980, tais como Margareth Rago, Tania Navarro Sain, Norma Telles, entre muitas outras, e ainda precisa avançar nos estudos históricos, que ainda mantêm parte de suas produções em narrativas evocativas e/ou exclusivamente metodológicas de personagens como esses. A representação da mulher, nos textos daqueles intelectuais, não por acaso é clara: frágil, dual (a prostituta, ou a mulher de família), objetificada pelo sexo e associada sempre ao lar e à cozinha.

Nossa intenção neste trabalho, ao trazermos conceitos de sexismo e misoginia, é de ampliar o debate sobre a naturalização desses e de outros discursos proferidos por acadêmicos em torno da representação de mulher. Em Mauro Mota, seja qual for a forma de produção – sociológica, memorialista ou poética – a mulher

Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980)

Tércio de Lima Amaral, Aline Maria Grego Lins

está representada da mesma forma. Há uma unidade e coerência dessa representação na obra do autor em diversos momentos de nossa análise, que abrange desde os anos 1940 aos 1980: a mulher ligada ao lar, dependente da figura masculina e sexualizada. Opinião que, muitas vezes, era sustentada por outros homens que faziam parte do seu círculo intelectual, como o caso de Edson Nery da Fonseca. Defesas públicas, registradas em livros, era feitas por editoras de institutos e instituições federais, sem qualquer pudor ou crítica de conselhos editoriais que autorizavam essas obras.

Em tempos de crescimento do discurso conservador e até mesmo anti-científico, cabe fazer uma reflexão dessas práticas numa sociedade que ainda lê e apresenta personagens masculinos como referenciais. Como diz a historiadora Joan Scott, uma das ferramentas no uso da teoria de gênero é justamente fazer um paralelo do momento atual com práticas do passado, mesmo quando esse passado é tão próximo, a exemplo de Mauro Mota, falecido em meados da década de 1980. “O desafio lançado por este tipo de reações é, em última análise, um desafio teórico. Ele exige a análise não só da relação entre experiências masculinas e femininas no passado, mas também a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais” (SCOTT, 1995, p. 5). Até porque esse discurso misógino reverbera em resultados negativos, amplia e sustenta a violência de gênero, o abuso, o assédio e a violência doméstica (FERREZ PÉREZ, BOSCH FIOL, 2000, p. 16).

Referências

BESSE, Susan. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BORGES, Waldomiro de Souza; MOCOOCK, David W.; SILVA, Mariana L. da. A torre antiga a nova torre. *In*: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA ORAL, 10., 10-13 ago. 2015, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, Bahia, 2015. p. 1-15.

CURRICULUM vitae. **Revista do Arquivo Público**, Recife: Arquivo Público Estadual, v. 1, n. 1, p. 21-48, jan./jun., 1984.

Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980)

Tércio de Lima Amaral, Aline Maria Grego Lins

FERRER PÉREZ, Victoria A.; BOSCH FIOL, Esperanza. Violencia de género y misoginia: reflexiones psicosociales sobre un posible factor explicativo. *In*: PAPELES DEL PSICÓLOGO: n. 75. Madrid: Consejo General de Colegios Oficiales de Psicólogos, 2000. p. 13-19. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/778/77807503.pdf>. Acesso em: 11 out. 2019.

FONSECA, Edson Nery da. **O local e o universal, o tradicional e o moderno na poesia de Mauro Mota**. Mossoró: [s.n.], 1995. (Coleção Mossoreense, Série B, Número 1268).

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista de 1926**. [S.l.]: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Imprensa Nacional, 1955.

FREYRE, Gilberto. Meu caro jornal do Brasil. *In*: **Revista do Arquivo Público**, Recife: Arquivo Público Estadual, v. 1, n. 1, p. 98-100, jan./jun. 1984.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. **Depoimentos para posteridade**: Mauro Mota. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1971. 1 disco, faixa 1 (9 min e 21 seg).

INOJOSA, Joaquim. **No pomar do vizinho**: fraudes literárias de Gilberto Freyre. Guanabara: [s.n.], 1968.

MENDONÇA, Francisco Wesley Oliveira; MENEZES, Dayse Oliveira. Falo orgástico e vagina derrotada: as relações de gênero em Casa Grande & Senzala e suas permanências na escrita contemporânea. *In*: SEMINÁRIO CETROS NEODESENVOLVIMENTISMO, TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL, 4., 29-31 maio 2013, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: UECE, 2013. p. 246-259.

MORAES, Márcio André Martins de. A importância do sentimento religioso para a interiorização do integralismo em Pernambuco nos anos 1930: o caso do município de Garanhuns. **Paralellus**, Recife, v. 5, n. 9, p. 9-24, jan./jun. 2014.

MOTA, Mauro. **O pátio vermelho**. Rio de Janeiro: Orfeu, 1968a.

MOTA, Mauro. **Votos e ex-votos**: aspectos da vida social do Nordeste. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Imprensa Universitária, 1968b.

MOTA, Mauro. **Modas e modos**. Recife: Editora Raiz, 1977.

MOTA, Mauro. **Itinerário e pernambucânia ou cantos da comarca e da memória**. Rio de Janeiro: J. Olympio, INL, 1983.

MOTA, Mauro. **Barão de chocolate & companhia**: apelidos pernambucanos. Recife: Pool Editorial, 1983.

Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980)

Tércio de Lima Amaral, Aline Maria Grego Lins

MOTTA, Roberto. Mauro Mota, Memória, Data e Festa. **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**, Recife, n. 65, p. 1-21, 2012.

PEREIRA, Nilo. **Mauro Mota e seu tempo**. Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco, 1987.

ROCHA, Tadeu. **Modernismo & regionalismo**. Maceió: Imprensa Oficial de Alagoas, 1964.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v., 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Cláudia Vicente da. Além de Martha de Hollanda: “Uma mulher, um tempo, uma personalidade”. *In*: COLÓQUIO DE HISTÓRIA PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, 5., 16-18 nov. 2011, Recife. **Anais [...]**. Recife: Unicap, 2011.